

## ORDEM GLOBALIZADA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Jornal do Brasil, 15/11/01*

A velha lógica da ‘política das grandes potências’, que exige do poder hegemônico que reafirme sua hegemonia sempre que houver qualquer dúvida sobre ela, obrigou os Estados Unidos a iniciarem uma guerra contra o governo fundamentalista do Afeganistão, ao invés de iniciar a campanha policial em larga escala contra o terrorismo que os eventos de 11 de setembro exigiam. Os prolongados bombardeios lograram derrubar o governo Taliban, cujas milícias voltam para a condição de guerrilha. Duas perguntas, porém, merecem atenção. Primeiro, não terá sido essa uma vitória de Pirro? Será que demos um passo importante na luta contra o terrorismo, ou, ao invés, demos mais espaço para os sinistros agentes do terror? Segundo, quanto tempo demorarão para os Estados Unidos compreenderem seu novo papel arbitral e mantenedor da ordem no mundo globalizado em que vivemos?

# Digo nós, e não eles, os Estados Unidos e seu governo, porque todos estamos interessados em combater o terrorismo. Não há dúvida, porém, que os responsáveis pelas ações de guerra no Afeganistão, que levaram à troca de um regime fundamentalista por um regime corrupto e violento, são os governantes dos Estados Unidos.

Perdeu o Taliban, ganhou um bando corrupto autodenominado Aliança do Norte. E tudo indica que ganharam os terroristas, porque o que lhes interessa é o aumento do ódio e do medo. O terrorista não quer conquistar o poder, porque sabe que não pode mantê-lo, mas quer desestabilizar governos, criar insegurança, impor o terror, ascender os ódios.

A opinião pública americana e mundial, que apoiou inicialmente as ações de guerra, começa a se perguntar sobre o sentido do que está acontecendo. Afinal é a mesma coisa combater o terrorismo e fazer guerra generalizada contra um país que abriga terroristas? Se for, o único governo que reconhecia este fato está deposto, e agora os dias do terrorismo em larga escala, do tipo que agiu no dia 11 de setembro, estão contados.

O debate público que se esperava sobre o ataque terrorista de 11 de setembro só agora começa a se delinear. O presidente Bush, que durante um certo momento

parecia capaz de resistir à desrazão dos falcões dentro do seu governo, afinal deixou-se vencer pela mesma desrazão da maioria da população americana, que, compreensivelmente, ficou atônita diante do ataque sofrido.

Ao invés de procurar descobrir e punir os próprios terroristas, o governo americano escolheu um inimigo equivocadamente mas facilmente atingível – o governo fundamentalista do Afeganistão. Em consequência, um número crescente de muçulmanos está entendendo que a guerra não é apenas contra o terrorismo; é também contra o Islã. O governo americano nega, e é sincero ao negar. Basta, entretanto, que os povos muçulmanos sintam dessa forma para que as ações de guerra se tornem autoderrotantes (*self defeating*).

Os bombardeios mortíferos levaram à deposição do Taleban, mas não paralisaram nem paralisarão o terrorismo, que não se limita nem a uma organização, nem a um país, e é, por definição, disseminado, fortalecendo-se com o aumento da animosidade. Contra o terrorismo é necessária uma ação policial de larga escala, que provavelmente será agora facilitada no território do Afegão, mas tornar-se-á ainda mais difícil entre os grupos fundamentalistas nos demais países. É bom lembrar que os terroristas que atacaram os Estados Unidos no dia 19 eram praticamente todos sauditas – cidadãos de um país amigo.

No mundo global, em que a hegemonia americana é incontestada, os Estados Unidos não têm mais países inimigos que o ameacem. Todas as potências intermediárias, a partir da China e da Rússia, estão interessadas em participar do mercado global, do qual todos ganham, e não lhes passa pela cabeça fazer guerra de qualquer tipo. Neste novo mundo os Estados Unidos, ajudado por essas mesmas potências, terão como papel arbitrar os conflitos regionais e manter a ordem necessária ao mundo global. Para isso contarão com organizações internacionais como as Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio, o FMI, o G-8, o G-20, além de sua própria ação individual.

Os Estados Unidos já começaram a perceber este novo papel quando mudaram sua política em relação ao conflito Israel-Palestina, e passaram a exigir que Israel caminhe em direção à paz. Reconheceram esse fato, também, quando pagaram seus débitos com as Nações Unidas, e quando fizeram concessões e deram força aos que defenderam em Doha o início de uma nova rodada de liberalização comercial sob os auspícios da Organização Mundial do Comércio.

No caso do Afeganistão foram obrigados a agir como uma velha superpotência. É segundo esta lógica superada, que não atende mais a seus interesses nacionais, que continuam a agir ao manter um rígido embargo comercial contra Cuba e o Iraque.

O mundo, porém, está se tornando pequeno na medida em que se torna global. Seus mercados estão integrados e essencialmente abertos. Não é mais necessário usar da força para abrir mercados, mas é essencial usá-la para impedir os efeitos desestabilizadores dos conflitos regionais ou das ações terroristas, que criam

insegurança para esses mercados. A globalização, que era um fenômeno principalmente econômico, começa agora a assumir um caráter político. No lugar da política das grandes potências inimigas, teremos a política da ordem globalizada – uma ordem ou estabilidade que será garantida pelos Estados Unidos ajudados pelas potência regionais intermediárias, como a Alemanha, a França e a Inglaterra, na Europa; a Rússia, no Norte; a China, o Japão e a Índia, na Ásia; o Iran e Israel no Oriente Médio; a Austrália na Oceania; o Brasil e o México na América Latina; e a África do Sul na África. Alguns podem ganhar mais do que outro com a ordem ou a segurança global dos mercados, mas todos ganham, e todos, portanto, têm interesse na sua manutenção.